

POADOC. 2026

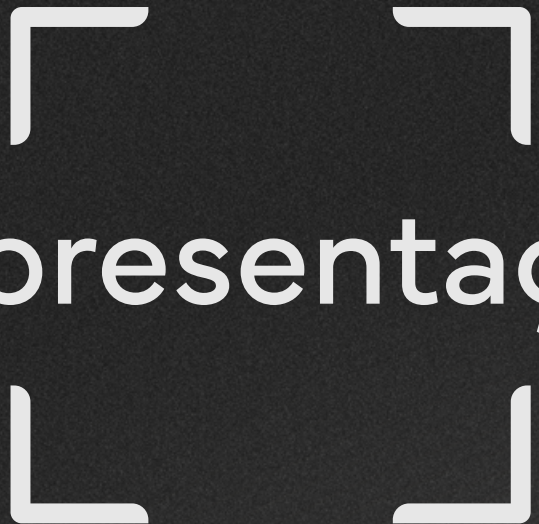
MOSTRA DE CURTAS METRAGENS



Material de
apoio educativo.

Sumário

3	APRESENTAÇÃO	27	Pupá
4	GUIA DE REFERÊNCIA SOBRE O MATERIAL	28	Plano comentado
7	Filme a Filme	29	Rosa dos Ventos
8	Badlands: um parque fictício	30	Plano comentado
9	Plano comentado	31	Testemunho
10	Caminho Sinuoso	32	Plano comentado
11	Plano comentado	33	Constelações
12	Diálogo Bulbul	34	Constelação do território
14	Plano comentado	35	Exercício de filmagem
15	Grão	36	Constelação da família
16	Plano comentado	37	Exercício de filmagem
17	Homem	38	Constelação do tempo
18	Plano comentado	39	Exercício de filmagem
19	Já não temos nem vontade de brigar	40	Constelação do trabalho
20	Plano comentado	41	Exercício de filmagem
21	Maira Porongyta o aviso do céu	42	Constelação da memória
22	Plano comentado	43	Exercício de filmagem
23	Memórias Despejadas		
24	Plano comentado		
25	Pretérito		
26	Plano comentado		



Apresentação

Você quer organizar uma sessão com os filmes do POADOC na sua escola, cineclube, bairro ou comunidade? Neste material, nós vamos te dar opções de programações de filmes, condução de debates e exercícios de filmagem para que você e seu grupo pensem em diversas possibilidades de desdobramentos da experiência coletiva com os curtas-metragens que disponibilizamos. Nossa ideia é que os breves itinerários que a gente aponta neste livreto não sejam um guia fechado em si mesmo, mas que ampliem os caminhos de experimentação a partir dos encontros com os filmes.

Guia de referência sobre o material

Este material está dividido em duas seções:

Filme a Filme e Constelações.

Na seção **Filme a Filme**, temos a lista completa dos filmes que foram exibidos no POADOC, as informações de produção, imagem de divulgação, ficha técnica, fotografia e currículo do ou da diretor(a) e um plano comentado de cada filme. Abaixo, a descrição detalhada de cada elemento desta seção:

INFORMAÇÕES DE PRODUÇÃO

São os dados de realização do filme: o título, o ano em que foi lançado (exibido pela primeira vez), o nome do diretor ou da diretora, a(s) cidade(s) onde foi filmado, o estado, a duração do filme em minutos e a classificação indicativa de idade mínima. Elas estão dispostas desta forma:

Título (ano), direção

Cidade/UF, duração em minutos, classificação indicativa

FICHA TÉCNICA

São os dados da equipe principal que fez o filme. Cada equipe constrói a sua ficha técnica com as funções que considerou mais importantes para a realização do filme, mas algumas funções serão encontradas em quase todos os filmes. **São elas:**

DIREÇÃO

É a pessoa responsável por transformar uma história escrita (ou pensada) em imagens e sons, ou seja, em um filme. Ela coordena os diferentes elementos da produção para construir a forma como o público verá e sentirá a narrativa.

ROTEIRO

É a pessoa que pesquisa o tema e organiza a forma como a realidade do filme será apresentada. Ela ajuda a definir quais personagens serão acompanhados, quais situações serão filmadas e como os acontecimentos podem ser estruturados para o público. O roteirista de documentário cria um plano de investigação e, muitas vezes, continua escrevendo e reorganizando a narrativa durante as filmagens e a montagem.

PRODUÇÃO

É a função que organiza e viabiliza a realização de um filme, cuidando do planejamento, da captação de recursos, da formação da equipe, da logística das filmagens e da gestão do projeto. Acompanha todas as etapas da produção, desde o desenvolvimento da ideia até a finalização e a circulação da obra.

MONTAGEM

É o profissional que organiza e seleciona as imagens filmadas e os sons gravados para construir a narrativa do filme. Trabalhando em conjunto com o diretor, ele define a ordem das cenas, o ritmo da história e as conexões entre personagens, acontecimentos e temas. No filme documentário, o montador tem um papel fundamental na descoberta e na construção da narrativa durante a pós-produção, transformando o material bruto em uma obra a ser fruída pelo público.

FOTOGRAFIA

É a função responsável pela criação visual do filme. A pessoa define, junto com o diretor, como as cenas serão filmadas, escolhendo aspectos como iluminação, enquadramentos, movimentos de câmera, cores e composição da imagem.

SOM

O profissional de som de cinema é responsável por captar, criar e organizar os sons de um filme. Durante as filmagens, registra diálogos, ambientes e outros sons importantes. Na pós-produção, trabalha na edição, tratamento e mixagem do áudio, integrando vozes, ruídos, efeitos sonoros e música. Seu trabalho é fundamental para a compreensão da narrativa, a criação de atmosferas e a construção das emoções que o filme transmite ao público.

Outras funções, como Trilha Sonora, Direção de Arte, Consultoria, Pesquisa, Colorista, entre outras, vão aparecer de acordo com a importância que elas tiveram na realização do filme e com o desejo do diretor ou do produtor de nomear a sua equipe.

DIREÇÃO

No curta-metragem e no cinema independente, de modo geral, o diretor ou a diretora ocupa um papel importante na realização. Com equipes bastante pequenas, o diretor acaba centralizando a organização do filme, às vezes com a ajuda do produtor, e até mesmo acumulando funções como a de fotógrafo, montador etc. Por isso, optamos por destacar os diretores e as diretoras das obras, disponibilizando uma pequena biografia profissional e uma imagem de cada um.

PLANO COMENTADO

Um plano é a menor unidade de um filme. Ele corresponde ao trecho filmado pela câmera entre o momento em que ela começa a filmar e o momento em que para. Os planos são separados por cortes pensados na montagem, que separam e unem as imagens para criar as narrativas e as sensações. Dessa forma, um filme é construído pela sequência de planos, com diferentes durações, distâncias, ângulos de filmagem e enquadramentos. Um bom exercício para percebermos os diferentes planos em um filme é batermos palmas a cada corte, ou seja, a cada mudança de plano. O ritmo das palmas também vai nos mostrar o ritmo do filme, as mudanças em relação à duração dos planos e como essa melodia interna vai afetar a nossa percepção da narrativa e da relação entre as imagens. Mas por que um plano comentado? Por ser a sua menor unidade, alguns planos podem apresentar verdadeiras sínteses dos filmes, expressando, de forma material, ou seja, a partir dos elementos contidos na imagem e no som, as percepções que constituem o filme. Dessa forma, a partir do comentário sobre um plano-chave, disponibilizamos uma breve análise de cada filme, objetivando ampliar as ideias sobre as obras e disparar debates em grupo.

Já na seção **Constelações**, propomos algumas programações de filmes possíveis a partir do conjunto de curtas-metragens que disponibilizamos.



O que é uma programação de filmes?

Programar é o processo de selecionar e organizar os filmes que serão exibidos em um festival, mostra, sala de cinema, cineclube ou plataforma on-line. O programador escolhe as obras, define a ordem das exhibições e cria relações entre os filmes. Ou seja, a programação é o gesto de reunir filmes e colocá-los em diálogo, criando encontros entre narrativas, imagens e espectadores. Organizados em uma linha temporal, os filmes ganham novos sentidos, despertam diferentes sensações e compõem variados desenhos ao se relacionarem com outros filmes.

Por isso, estamos chamando as nossas propostas de programação de **Constelações**. Segundo a cineasta e pesquisadora Mariana Souto, uma constelação fílmica é uma forma de aproximar diferentes filmes para que eles conversem entre si e revelem novos sentidos. Assim como olhamos para o céu e ligamos estrelas distantes para formar desenhos, o programador reúne obras que podem ter temas, imagens, emoções ou questões em comum, mesmo que tenham sido feitas em épocas e contextos diferentes. O importante não é que os filmes sejam parecidos entre si, mas que, quando vistos juntos, iluminem uns aos outros e permitam enxergar aspectos que talvez passassem despercebidos quando analisados separadamente. Uma constelação fílmica é, portanto, uma rede de relações criada pelo olhar de quem observa, capaz de gerar novas sensações e sentidos sobre os filmes e sobre o mundo.

Nas cinco propostas de programação que oferecemos, cada filme integra mais de uma constelação. A depender do tempo de que você e seu grupo dispõem, dos seus objetivos e desejos, vocês podem exibir dois ou mais filmes de uma mesma constelação, fazer diferentes relações, diálogos e debates e até mesmo criar outros desenhos a partir dos curtas-metragens propostos. O importante é que este material e as propostas que ele contém instiguem a pensar as obras em suas múltiplas relações, provocando encontros estimulantes entre filmes e pessoas.

Desejamos a todos uma boa viagem!

Filme a Filme



Nesta seção, apresentamos os 12 filmes selecionados para serem exibidos no POADOC deste ano. Os filmes estão disponíveis para sessões propostas por escolas, instituições sociais ou coletivos até a data estabelecida. Entre em contato com a produção do POADOC e organize a sua sessão!



Em uma periferia do sul do Brasil, artistas e moradores ocupam um terreno baldio para criar um parque e um museu a céu aberto. Em meio às erosões de uma área abandonada, Badlands acompanha a disputa territorial entre um sonho coletivo e os interesses do mercado.

Badlands: um parque fictício

FICHA TÉCNICA:

Direção: Cristyelen Ambrozio

Roteiro: Cristyelen Ambrozio e Marcelo Chardosim

Montagem: Cristyelen Ambrozio e Daniel Rodrigues

Fotografia e Produção: Adelino Bilhalva

Trilha Sonora: Dona Conceição

Animação e Making Of: Fabio Spolti

2025 de Cristyelen Ambrozio
Alvorada/RS, 20 min,
classificação indicativa: livre.

CRISTYELEN AMBROZIO



Artista e realizadora audiovisual. Em sua estreia no cinema, recebeu o prêmio da crítica no 51º Festival de Cinema de Gramado pelo curta-metragem Centenário da Minha Bisa. Pela contribuição cultural, foi condecorada com a Medalha da 56ª Legislatura da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. É graduanda em Artes Visuais (UFRGS) e tecnóloga em Produção Multimídia (IFRS). Seu trabalho dialoga registro, memória e paisagem cultural em um hibridismo documental-ficcional.



Plano comentado



Um grupo de jovens penetra as voçorocas, fenômeno geológico causado pela erosão, no terreno baldio abandonado por uma construtora em Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre. A cena sintetiza a apropriação coletiva desse território pela comunidade do entorno, ao mesmo tempo em que registra a relação dos corpos com esse espaço em disputa. *Badlands* conta a história da mobilização de moradores de Alvorada para criar um parque no lugar do que um dia se anunciou ser mais um

conjunto habitacional na região. O curta-metragem de Ambrozio é um registro poético e coletivo dessa luta. Cidade dormitório, território de passagem: a especulação imobiliária impõe aos habitantes a sua forma de se relacionar com a cidade. Mas os corpos pedem mais: eles querem sonhar e habitar o território, conviver, compartilhar. Querem penetrar os rochedos que escondem os tempos geológicos de uma terra que permanece.



Antes do porto, das fábricas e dos navios, a região era feita de trilhas entre mangues, rios e comunidades tradicionais. O filme percorre caminhos apagados pelo progresso, onde desviar-se foi necessário para continuar existindo. Entre um passado moldado pela relação com o território e um presente industrial, Caminho Sinuoso revela as marcas do desenvolvimento e os medos diante de um futuro próximo, quando um cais de minério e trilhos de trem passam a cortar o território e as vidas.

Caminho Sinuoso

FICHA TÉCNICA:

Direção, roteiro, montagem, fotografia, som, arte: Adalberto Oliveira

Produção: Bruno Souza, AOFILMES

Elenco: Jonhatan Yury, Daniel Semsobrenome, Severino Ferreira, Cícero Antônio, Bruno Souza

2026 de Adalberto Oliveira
Cabo de Santo Agostinho/PE,
15 min, classificação indicativa: livre.

ADALBERTO OLIVEIRA



Graduado em Cinema e pós-graduado em Técnicas de Áudio, atua no audiovisual com experiência em direção, desenho sonoro, fotografia e montagem. Dirigiu os documentários Freqüências (2017), Metrôréquiem (2020), Fragmentos de Gondwana (2021) e codirigiu com Tiago Martins Rego, o documentário Das Águas (2023). Também realizou a direção de fotografia, montagem e design de som do documentário Da Boca da Noite à Barra do Dia (2021) dirigido por Tiago Delácio, e foi diretor de fotografia do curta Mar de Dentro (2024) de Lia Letícia.



Plano comentado



Duas imagens sobrepostas: dois tempos. O homem lança um olhar inquisitivo, atordado, para o passado. Mas também é a nós que ele dirige a sua fúria. Nós, espectadores passivos da história, das imagens, do cinema. Em *Caminho Sinuoso*, Adalberto Oliveira constrói uma espécie de arqueologia das imagens de um território marcado pela violência do progresso. Entre imagens de arquivo e registros contemporâneos, o filme dissolve as fronteiras entre passado, presente e futuro, sobrepondo as feridas históricas da exploração natural da região e os modos de vida que insistem em habitar esses espaços. Por cima de um filme de arquivo, onde aparecem homens engratados assinando um

documento, uma voz off sussurra: "Cortar o coral. Dragar tudo, e tirar todos, e mandar para casa, longe daqui." Eles decidem o futuro do rio explicitamente em segredo. As tenebrosas transações acontecem à luz do dia, e o que se fez não se desfaz, mas as consequências convivem com a resistência da paisagem natural e humana. O som dos trens, das fábricas e das máquinas se sobrepõe às imagens do operário, do trabalhador ribeirinho e da colheita do ouriço, compondo uma sinfonia entre a destruição da extração mineral e a resistência das culturas locais. Como fantasmas que se recusam a desaparecer, os antigos caminhos seguem assombrando a paisagem.



Diálogo Bulbul é um filme de arquivo que convoca memórias sonoras e visuais para construir um remix insurgente. Através da música — força coletiva de invenção e resistência — o filme abre caminhos de liberdade e autonomia, evocando a potência criativa do povo preto que, ao longo da história, forjou seus próprios horizontes de existência.

Diálogo Bulbul

FICHA TÉCNICA:

Direção Coletiva: Bruno Chruska, Gledson Augusto, Nicole Mendes, Yan Altino e Zimá Domingos

Roteiro: Nicole Mendes

Montagem: Yan Altino

Pesquisa de Imagens: Bruno Chruska, Nicole Mendes e Zimá Domingos

Pesquisa de Som: Gledson Augusto, Zimá Domingos

Consultoria de Montagem: Pedro Fontoura

Orientação: Joel Zito Araújo

Colaboração de Som: Marise Urbano

2025 de Bruno Chruska, Gledson Augusto, Nicole Mendes, Yan Altino e Zimá Domingos
Mogi das Cruzes-SP, São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Poções-BA e Alegre-ES, 7 min, classificação indicativa: livre

BRUNO CHURUSKA



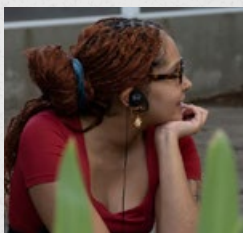
Fotógrafo e diretor de imagem, pesquisador e narrador visual dedicado à construção de histórias por meio da imagem. Atuante nos segmentos musical e cultural, combina rigor técnico e sensibilidade estética. Em formação em Arquivologia, amplia sua atuação para memória e acervo, alinhando criação, método e visão.

GLEDSON AUGUSTO



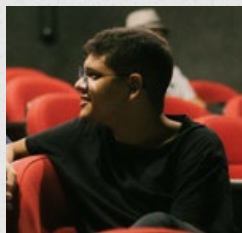
Produtor musical, baterista e educador. Atualmente, é coordenador pedagógico e técnico de áudio e vídeo no Centro de Tecnologia Educacional da UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

NICOLE MENDES



Natural de Guarulhos, nascida e criada no Vila Rio, é uma cineasta interessada na experimentação com imagens de arquivo. Mestranda em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP, iniciou sua trajetória com cinema através da participação no programa de formação para jovens periféricos É Nós na Fita.

YAN ALTINO



Discente do curso de Cinema e Audiovisual da UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e bolsista no programa de extensão Janela Indiscreta. Realiza e pensa o cinema através da

montagem, escrita e curadoria. Montou e co-dirigiu o curta-metragem experimental "Diálogo Bulbul", premiado na 29ª Mostra de Cinema de Tiradentes. Além disso, coordena o projeto universitário Cineclub Película, foi Júri Jovem do XXI Panorama Internacional Coisa de Cinema e é idealizador da Mostra Audiovisual Universitária Filmes de Mochila.

ZIMÁ DOMINGOS



Produtora cultural, agente comunitária, pesquisadora da memória negra e comunicadora popular no Caparaó-ES. Preserva o Ponto de Cultura Caxambu do Horizonte, atuando há mais de uma década na salvaguarda da tradição e na valorização das

famílias negras de Alegre. Desde 2013, é gestora da Associação Grupo Cultural do Horizonte, coordena o Situa Negro, articula a Feira FEMEA, é bacharela em Biblioteconomia (UFES) e parecerista em editais da Cultura Viva.

Sobre o grupo

O grupo se formou durante o 10º Festival Internacional de Cinema de Arquivo — Arquivo em Cartaz, por meio da Oficina de Criação de Filmes Lanterna Mágica, uma atividade formativa do festival que visa idealizar obras sobre os documentos do Arquivo Nacional, incentivando o uso destes materiais como fonte de inspiração para novas produções audiovisuais. A interação do grupo, mediante a composição da obra, se deu remotamente, a partir de encontros periódicos de pessoas de diferentes localidades do Brasil (que não se conheciam antes da oficina). A promoção do diálogo para a concretização técnica, superando alguns desafios como a distância física, ruídos de comunicação e confluência criativa, foi imprescindível para a concretização coletiva e artística da obra.





Plano comentado

Uma pintura em movimento apresenta um grupo que faz do som uma forma de pertencimento. Em seguida, vemos as imagens atuais de uma festa negra embalada pela dança. A sequência explicita a expressão musical da população negra brasileira como gesto de aquilombamento. Em *Diálogo Bulbul*, o arquivo de imagens é campo de disputa e criação. A partir de um vigoroso remix de imagens, sons e vozes, o filme articula tempos distintos para afirmar a continuidade das lutas e das culturas da população negra no Brasil. Fotografias de pessoas escravizadas, documentos históricos, registros de manifestações culturais e imagens contemporâneas estão em diálogo permanente, recusando

o tempo linear, eurocêntrico e colonizador da história ocidental. *Diálogo Bulbul* coloca frente a frente narrativas oficiais, como a Lei Áurea, e contraoficiais, como o filme *Abolição* (1988), de Zózimo Bulbul, evidenciando o agenciamento dos sujeitos negros em suas lutas por libertação. Nessa operação, a música ocupa papel central: do canto antigo às batidas do funk, ela surge como espaço de liberdade, memória e resistência coletiva. Entre as vozes, os ritmos e as imagens ressignificadas, *Diálogo Bulbul* faz do cinema um espaço de encontro, reinvenção e afirmação de futuros possíveis.



Grão

FICHA TÉCNICA:

Direção: Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa

Elenco: Leandro Gomes e Marcelo Ikeda

Roteiro: André Berzagui, Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa

Produção: Giulia Belmonte

Produção Executiva: Giulia Belmonte

Direção de Fotografia: Eloisa Soares

Direção de Arte: Arthur Amaral

Montagem: André Berzagui

Trilha, Mixagem e Edição de Som: Otávio Vassão

Som Direto: Arthur Amaral e Giulia Belmonte

2026 de Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa
Rio Grande / RS, 24 min,
classificação indicativa:
12 anos

O porto de Rio Grande, no extremo sul do Brasil, atravessa uma crise já há alguns anos. Após um acidente com um navio que se choca com o porto, a soja que abastece o mundo a partir dali permanece parada dentro dos grandes galpões. Leandro sobrevive recolhendo os grãos que se extraviavam durante o transporte na região industrial da cidade e é evidente que esse trabalho está chegando ao fim,

talvez nesta última noite. Sem mais grãos para recolher, ele decide ir para uma festa. A noite avança em mensagens de áudio trocadas na esperança de não terminar sozinho. Mas nada acontece como esperado, nem o trabalho, nem a companhia, nem a festa. A Leandro resta o que sempre esteve lá, a música que pulsa do som do seu carro.

GIANLUCA COZZA E LEONARDO DA ROSA



Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa são realizadores brasileiros, graduados em Cinema e Audiovisual pela UFPEL. Dirigiram os filmes Construção (Leonardo da Rosa, 2020), Madrugada (Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa, 2022), Cassino (Gianluca Cozza, 2024) e Grão (Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa, 2026) com passagens nos principais festivais de cinema do Brasil.



Plano comentado



Um corpo refletido no espelho de uma porta de armário. O registro é da câmera do celular, dispositivo de individuação do sujeito contemporâneo. Neste plano, a relação entre os formatos é cristalina: o celular fotografa no sentido "retrato": o sujeito centralizado espelha a sua identidade na imagem; já o filme fotografa a cena no sentido "paisagem": o cinema como janela para o mundo, para o outro, a alteridade radical. *Grão* acompanha a deriva noturna de um jovem da periferia da cidade de Rio Grande, estremecida pelo batidão do funk: "Escuta o som, estamos navegando."

Entre o trabalho informal e a circulação incessante pela cidade, o filme constrói um retrato da solidão masculina em meio às paisagens do território: o porto, a praia, a casa precária e a vida noturna. Mesmo

o prazer é solitário. As mensagens de áudio lascivas no aplicativo de conversa não têm resposta, e o personagem se distrai com a própria imagem no espelho, tendo a música como companhia afetiva e comentário emocional. A madrugada se desenrola entre postos de gasolina, estacionamentos, encontros fugazes e deslocamentos sem destino. O personagem parece existir nos interstícios de um sistema maior, preso a um movimento contínuo que nunca se converte em pertencimento. Retrato de geração e de classe, *Grão* encontra, na relação desse corpo jovem, desejante e solitário com o território, uma imagem para as consequências da precarização do trabalho e dos vínculos sociais da juventude periférica contemporânea, ambos mediados pelo dispositivo tecnológico de individuação.



Um grupo de detentos escreve histórias de um homem. À medida que encenam suas palavras, suas celas se transformam em paisagens da infância, quartos de hospital e lugares inundados pela luz do mundo exterior. Mas, conforme a narrativa avança, as linhas entre o real e o imaginado se dissolvem, e começamos a nos questionar quem é esse Homem.

Homem

FICHA TÉCNICA:

Direção: Fábio Zilberman Iuchno

Produção: Fábio Zilberman Iuchno

Fotografia: Fábio Zilberman Iuchno, Sergio Ruiz Velasco, Albano Guimarães Veiga, Armindo Silva Boarquivo, Gonçalo Fernandes Sá Silveira, João Bernardo Ferreira Alves, Luis Manuel Constantino Vale, Luis Pedro Lima Franco, Rodrigo Gonçalo Fernandes Saraiva, Tomás André Dias Silva

Montagem: Fábio Zilberman Iuchno

Desenho de som: Neal Gibbs

Elenco: Albano Guimarães Veiga, Armindo Silva Boarquivo, Gonçalo Fernandes Sá Silveira, João Bernardo Ferreira Alves, Luis Manuel Constantino Vale, Luis Pedro Lima Franco, Rodrigo Gonçalo Fernandes Saraiva, Tomás André Dias Silva

2025 de Fábio Zilberman Iuchno
Porto Alegre/Lisboa,
16 min, classificação
indicativa: 14 anos

FÁBIO ZILBERMAN IUCHNO



Cineasta formado pela Escola de Cinema Sam Spiegel, em Jerusalém, e mestre em direção de documentários pelo DocNomads, programa Erasmus Mundus. Vivendo em cinco países nos últimos dez anos, seu trabalho parte da experiência do deslocamento para investigar vínculos afetivos e a sensação de estar em casa. Seus filmes foram exibidos e premiados internacionalmente.

Plano comentado



Um quarto precário, as paredes um pouco sujas, um beliche com as camas feitas. A esta altura do filme *Homem*, de Fábio Zilberman Iuchno, já sabemos que estamos em uma instituição de detenção masculina em Portugal. Um homem entra no quarto/cela. A câmera o filma de cima abaixo, e ele faz um gesto com a mão para cima. Ao chegar próximo ao chão, o plano revela outro homem, de joelhos, que também faz um gesto indicando autoproteção. Por alguns segundos, os homens se olham, parados e em silêncio. Os dois detentos encenam o flagrante de um pai em relação ao filho, um gesto de violência imóvel, como que estancado pelo cinema. Ao mesmo tempo em que o plano sustém o gesto para a posteridade, ele também interrompe o movimento que acabaria em agressão. O drama funciona aqui como elaboração: recordar é também reinventar o passado.

Em *Homem*, Fábio Zilberman Iuchno transforma a prisão em espaço de fabulação compartilhada. Entre

celas, janelas e portas observadas por olhares vigilantes, um grupo de detentos escreve a história de um homem que talvez seja um só, talvez sejam todos. Em terceira pessoa, narram pais, filhos, hospitais, viagens e arrependimentos, como se a distância da ficção tornasse possível tocar aquilo que a primeira pessoa não consegue dizer. O filme revela seu próprio dispositivo a todo instante: a câmera muda de mãos, os personagens interrompem a cena para falar da filmagem, as memórias circulam entre corpos e vozes. De quem é cada história? Como em um jogo de espelhos, relatos individuais tornam-se dramas coletivos. Quando os homens filmam e assistem às próprias imagens, as fronteiras entre documentário e ficção, entre o eu e o outro, se dissolvem: quem é esse homem? Aquele que conta. Aquele que escuta. Talvez todos nós, espectadores, diante da dor da nossa dor e da dor do outro.



Já não temos nem vontade de brigar

2025 de Bruno Bimbati
São Paulo / SP, 15 min,
classificação indicativa: 12 anos

FICHA TÉCNICA:

Coletivo: Cine Sucata

Direção e Roteiro: Bruno Bimbati

Produção Executiva: Bruno Bimbati

Direção de Fotografia: Bruno Bimbati

Direção de Som (edição / mixagem): Bruno Bimbati

Montagem (Edição): Bruno Bimbati

Elenco: Tarcísio Gonçalves, Ana Paula Bimbati,
Felippe Bimbati, Bruno Bimbati, Régis

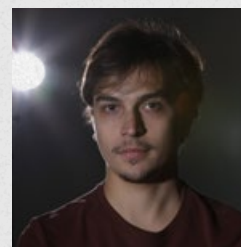
Trilha Sonora: N/A

Poster: Bruno Bimbati

Distribuição: Gabriel Gomes

Um mergulho no ambiente íntimo de uma família durante o Natal — um tempo que deveria ser de celebração, mas que aqui se revela repleto de silêncios, mágoas e desencontros.

BRUNNO BIMBATI



Cineasta, videomaker e educador audiovisual. Iniciou sua trajetória com o curta BETA (2018), produzido pelo programa É NÓIS NA FITA, e desde então desenvolve uma produção autoral voltada ao cinema independente. Fundador do coletivo Cine Sucata, dirigiu Farol Alto (2023), selecionado para 33 festivais nacionais e internacionais, além de Obsolescência Programada (2025) e Já Não Temos Nem Vontade de Brigar (2025). Atua entre cinema, educação e jornalismo, coordenando atualmente a equipe de audiovisual do Nexa Jornal.



Plano comentado



Uma cozinha familiar, um casal assiste, na televisão, à cena do casamento de Michael Corleone, personagem de Al Pacino no primeiro filme da trilogia *O Poderoso Chefão* (1972), de Francis Ford Coppola. O chester e as frutas em calda na travessa de festa denunciam: é noite de Natal. Esta poderia ser a cena-síntese de *Já Não Temos nem Vontade de Brigar*, de Brunno Bimbati, na qual a recordação do que a família já foi, representada no espelho que o cinema pode ser, sustenta o que já não é mais.

Encurralada entre móveis, copos, eletrodomésticos e corpos, a câmera recusa qualquer idealização do

encontro natalino, apresentando a data festiva mais como um ritual de resignação e permanência do que de celebração. A televisão ocupa o centro alegórico da casa. Uma presença silenciosa, mas que habita o espaço de uma falta: de conversa, de desejo, de contato. Essas ausências se expressam sobretudo pelo uso das fotografias familiares antigas, nas quais os personagens parecem felizes e unidos, embalados por um bolero de época. Em *Já Não Temos nem Vontade de Brigar*, o humor melancólico embaralha a descrença na instituição do casamento com a romantização da resiliência do amor familiar.



Maira Porongyta

o aviso do céu

Itaarió, criador do mundo, é o mais poderoso entre os Mait, os deuses do povo Kaiabi. Ele convoca os outros Mait para uma reunião no céu, onde transmite um aviso inquietante.

2025 de Kujãesage Kaiabi
Xingu / MT, Brasil, 20 min,
classificação indicativa: livre

FICHA TÉCNICA:

Coletivo Realizador: Ema'e Jeree (Coletivo Audiovisual Kaiabi)

Direção: Kujãesage Kaiabi

Roteiro: Tuiaraiup Kaiabi, Aruti Kaiabi

Produção Executiva: Julia Bernstein, Tiago Carvalho

Coordenação Geral: Tuiaraiup Kaiabi

Direção de Fotografia: Ukaraiup Kaiabi, Tairi'i Kaiabi, Paulo Castiglioni

Fotografia Adicional e Som Direto: Tiago Carvalho

Assistência de Direção e Fotografia: Reai'i Kaiabi, Rywa Kaiabi, Juirua Kaiabi, Alex Marewi Juruna, Mairiwata Kaiabi, Tiago Carvalho

Montagem / Edição: Kujãesage Kaiabi, Ukaraiup Kaiabi, Rywa Kaiabi, Julia Bernstein, Tatiana Gouveia

Colorista: Glauco Guiggon

Desenho Sonoro: Damião Lopes

Elenco:

Tuiaraiup Kaiabi – Itaarió, criador do mundo

Mairepy Kaiabi – Tuiarare, criador dos indígenas

Pa'at Kaiabi – Jesus, criador dos não-indígenas

Jywaitari Kaiabi – Towaraiup, dono do sol

Nildo Kaiabi – Towayry, dono da chuva

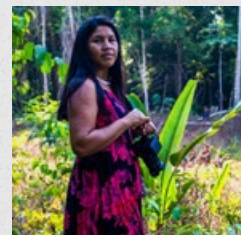
Witaré Kaiabi – Juporyy, pajé mensageiro

Tymapaje Kaiabi – Tuiaraiup Kaiabi, pajé mensageiro

Aruta Kaiabi – Prepori Kaiabi, pajé

Atariup Kaiabi – Pajé que traz os cigarros

KUJÃESAGE KAIABI



Cineasta indígena e integra o coletivo audiovisual Ema'e Jeree. Atua no audiovisual desde 2011, dedicando-se ao registro de festas, rituais e da memória de seu povo, além de documentar ações do movimento indígena. Realizou o média-metragem Singyjat – A Pescaria do Timbó (2023) e os curtas Koa Mamae Tymap – Coisas que Plantamos na Roça (2025) e Maira Porongyta – O Aviso do Céu (2025). Atualmente é comunicadora da Rede Xingu+ e coordenadora do coletivo Ema'e Jeree, formado por jovens realizadores de sua aldeia. Também desenvolve seu primeiro longa-metragem documental sobre a trajetória da liderança e pajé Prepori Kaiabi.



Plano comentado

Um homem está no centro de uma roda formada por outros homens e fala sobre coisas do céu e da terra diante de uma fogueira. O cenário é um fundo preto; o piso parece um tablado. O dispositivo que a cineasta projeta alude às origens das artes narrativas: o ritual xamânico, a tragédia grega, o fogo e a transmissão oral do conhecimento histórico.

Em *Maira Porongyta – o aviso do céu*, Kujãesage Kaiabi apresenta em tela um espaço cênico para emoldurar os avisos e as profecias de Itaarió, criador do mundo, diante

de um panteão de deuses, a fim de que estes espalhem a palavra entre os homens. Aqui, o cinema encontra uma de suas origens: ser a fogueira onde as histórias são contadas e compartilhadas. A encenação econômica dá destaque às palavras e evoca imagens, como a fumaça do fogo e dos tabacos, que parece desenhar no ar a visão profética. Entre o alerta e o ensinamento, *Maira Porongyta – o aviso do céu* faz do cinema esse espaço de visão compartilhada do invisível.





Memórias Despejadas (ou a enchente levou tudo e encontraram a luta)

FICHA TÉCNICA:

Direção: Juliana Koetz

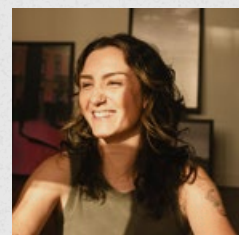
Realização: MLB - Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas, Juliana Koetz, família dos MLB

2024 de Juliana Koetz
Porto Alegre/RS, 11 min,
classificação indicativa: 12 anos

O curta é um ensaio visual das horas vividas na Ocupação Sarah Domingues, formada por famílias atingidas por enchentes. Por meio de registros apressados e tecnicamente imprecisos — como baixa velocidade do shutter, superexposição ao transitar entre ambientes e áudios sobrepostos sem linearidade temporal —, o curta cria uma estética desorganizada e emotiva, marcada pela técnica das emoções. A narrativa se

alterna entre dois tempos: o da reconstrução, quando as famílias limpam e dão nova função ao imóvel, e o do despejo, fragmentado e difícil de racionalizar. O trabalho constrói uma perspectiva alternativa ao que normalmente é retratado em reportagens ou documentários tradicionais, ao revelar as imagens-lembranças que também ocuparam e foram despejadas daquele espaço.

JULIANA KOETZ



Multi-artista com formação em Comunicação e Processos Audiovisuais (ambos UNISINOS) e complementos (roteiro, EICTV, 2023; Grupo de Desenvolvimento de Roteiro Marieta #63; Direção IECINE-RS e Fluxo, entre outros). Seu trabalho se desenvolve em 3 eixos: lutas sociais, com produção conjunta a movimentos, as artes e as fábulas. No eixo social, produziu com o MLB e o Olga Benário documentários, inclusive “Memórias Despejadas”, selecionado para Tiradentes (2025). No eixo das

artes, produz documentários e webséries; no eixo artes, utiliza fábulas na própria produção de artes visuais.



Plano comentado

No plano destacado, vemos o chão inundado e uma bota de plástico no canto da imagem, banhados por uma luz estourada em um enquadramento improvisado: entre a ocupação e o despejo, a câmera participa, corre, hesita, resiste e, como os ocupantes da Sarah Domingues, também parece ter o tempo contado.

Os rostos nunca aparecem. Restam pés, mãos, silhuetas, vozes e movimentos coletivos. A necessidade de proteger identidades transforma-se em força estética e política. Não há protagonistas, há a luta. Não há personagens, há corpos que compartilham uma mesma condição histórico-social. O anonimato dissolve o indivíduo para fazer emergir a força do comum. À medida que a ameaça policial se aproxima,

a imagem se fragmenta ainda mais, oscila e escurece. Bombas de gás, chuva, correria e telas pretas tornam visível aquilo que escapa à representação estável: o medo, a memória traumática e a violência do despejo. Quando a polícia exige nomes, a resposta coletiva recusa a individualização. A luta por moradia não tem um rosto único.

Em *Memórias Despejadas (ou a enchente levou tudo e encontraram a luta)*, Juliana Koetz filma um acontecimento cuja urgência atravessa a própria forma da imagem, ultrapassa-a e a expande até o fora de campo. Como a enchente que a antecede, a luta política transborda os enquadramentos, dita o ritmo dos planos e coletiviza a narrativa.



Através de filmagens caseiras e das memórias da sua avó e da sua mãe, um jovem cineasta tenta reimaginar pelas lentes do cinema um passado do qual não se lembra com o seu avô falecido há quase 20 anos.

Pretérito

FICHA TÉCNICA:

Direção, Roteiro, Produção, Fotografia, Som, Edição: Pedro Coelho Xavier

Elenco: Rosa Coelho, Léia Rita Coelho Xavier, Pedro Coelho Xavier

Trilha sonora: Lore Leite

Filmagens em VHS: Léia Rita Coelho Xavier, Fábio Camilo Xavier

2025 de Pedro Coelho Xavier
Itamarandiba, Belo Horizonte
/ MG, 22 min, classificação
indicativa: 10 anos

PEDRO COELHO XAVIER



Formado em Cinema e Audiovisual pela UNA em Belo Horizonte (MG). Realizador dos filmes: "No Brilho que surgiu no Azul do Céu..." exibido no 2º Sci-fi Floripa e no Lift-Off First-Time Filmmaker Sessions em 2023; "Presente" que estreou na 26ª Mostra de Tiradentes e vencedor de Voto Popular da 20ª Mostra do Filme Livre; "Pretérito" indicado ao 1º Prêmio Cine-Fórum de Curtas-Metragens e exibido no Panorama Mineiro da 8ª Mostra SESC de Cinema.

Plano comentado

O último plano de *Pretérito* se vale de um truque tão simples quanto expressivo: câmera fixa, uma estante de sala com alguns bibelôs, a televisão centralizada, que ocupa grande parte do quadro, exhibe o plano final de *Johnny Guitar* (1954), de Nicholas Ray. A imagem de Vienna (Joan Crawford) e Johnny Guitar (Sterling Hayden) se beijando escurece aos poucos, revelando a silhueta do diretor Pedro Coelho Xavier refletida na tela preta, filmando o plano. A transição, que dura alguns segundos, se completa quando a cartela de "The End" preenche o quadro da televisão, indicando o final do espetáculo.

Em *Pretérito*, Xavier evidencia que a base da imagem-memória é a criação. Sem lembranças diretas do avô falecido, o cineasta busca nas fotografias, nos filmes caseiros e nas lembranças da mãe e da avó a matéria para construir a sua memória. Mas essa construção não se dá pela fidelidade documental; ela se realiza através do cinema, esta

máquina de fabricar mitos. Desde a luz do projetor, que se confunde com as faíscas de uma fogueira, até a trilha e as falas dubladas de *Johnny Guitar*, que se sobrepõem às imagens de arquivo e às imagens atuais, o filme aproxima o imaginário do western da memória familiar. O curral substitui o deserto, a rua de chão batido torna-se fronteira, a casa simples transforma-se em cenário de cinema. A lembrança do avô ergue-se como a de um cowboy de outro tempo e espaço, figura criada não apenas pelos registros e recordações familiares, mas também pelo desejo de conferir dignidade épica a uma vida comum.

Ao final, uma dupla revelação: o cineasta, que surge na tela como mente e mão por trás da criação do mito, e a cartela preta que dedica o filme à mãe. Criador, criatura e público fecham o círculo da criação do espetáculo cinematográfico como construção de imagens-memórias coletivas.



Pupá

FICHA TÉCNICA:

Direção: Osani

Roteiro: Osani e Pupá

Produção: Osani e Maria Brito

Direção de fotografia e câmera: Osani

Direção de arte: Osani e Pupá

Edição e montagem: Alex Macedo

Designer e capa: Consuelo Vêa Coroca

Legendagem: Vitoria Um Milhão

Fotografia still: Maria Brito

2024 de Osani

Acari / RN, 14 min, classificação
indicativa: 10 anos

Pupá mora em Acari, no sertão do Rio Grande do Norte, onde sua presença marcante é sinônimo de alegria e liberdade. Mãe, avó, cambista e criadora de lambedores medicinais, construiu sua trajetória entre o trabalho, o cuidado e a resistência. Durante a semana, divide seus dias entre os afazeres domésticos, as apostas do jogo do bicho e os saberes populares da cura. Nos finais de semana, encontra nas serestas, rios e

açudes espaços de encontro, diversão e autonomia. Através de um olhar íntimo e afetuoso, o documentário acompanha o cotidiano de uma mulher que transforma gestos simples em formas de liberdade, revelando a força e a dignidade das vivências do interior nordestino.

OSANI



Realizador audiovisual e fotógrafo. Pessoa transmasculina, desenvolve uma produção cinematográfica voltada às narrativas do interior do Rio Grande do Norte, com foco em memória, identidade e território. Dirigiu os curtas-metragens Morada (2021), memória três por quatro (2024), Banheiro dos Campeões (2024) e Pupá (2024). É membro associado da APAN – Associação de Profissionais do Audiovisual Negro e da APTA – Associação de Profissionais Trans do Audiovisual.



Plano comentado



As mãos de Pupá são imagens recorrentes do filme que leva seu nome. Mãos que anotam apostas, queimam papéis, colhem ervas, preparam lambedores, pintam unhas, seguram o cigarro e a cerveja, debulham a romã e manipulam os pequenos mistérios da vida. Mãos que integram um corpo livre, que dança e nada no rio. Um corpo que habita um território ao qual pertence, que o constitui e é constituído por ele. Mas que também sonha em viajar.

O filme acompanha Edna Maria da Silva, conhecida por todos como

Pupá, que, entre o jogo do bicho, os sonhos, as benzeduras, a medicina popular, o forró e o banho de rio, não separa a matéria física do mundo de sua transcendência. Mas o filme recusa qualquer exotização e encontra sua força na presença da personagem. É um retrato simples e profundo de uma personagem que é única e várias na paisagem do sertão: "Eu me chamo Edna Maria da Silva, mas todo mundo me conhece como Pupá. Sou cambista, dona de casa e gosto muito de andar descalça."



Apresentando a cidade de sua família no interior de São Paulo, a narradora transforma sua tentativa frustrada de realizar um filme de ficção em um retalho documental. Entrelaçando imagens de arquivo pessoal e cenas do roteiro ficcional, a linguagem do filme flutua entre décadas distintas, mergulhando em memórias evocadas a partir da cidade e do processo de luto pela mãe. A narradora conduz a jornada, guiando o espectador através de sonhos e pesadelos, carregadas de nostalgia e saudade.

Rosa dos Ventos

FICHA TÉCNICA:

Direção, roteiro e montagem: Laura Paro

Atores / Pessoas no filme: Marisa Paro, Erica Paro, Francisco Paredeiro, Marines Paro, Matheus Paro, Adhemaro Ferreira Júnior

Produção Joki Filmes: Laura Paro e Leon Barbero

Sound Design and Mix: Talissa Gracio

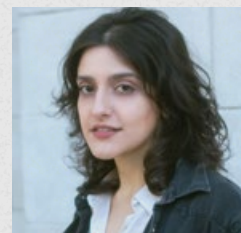
Trilha: Yehezkel Raz

Color: Caio Mazzilli

Artes Gráficas e Animação: Alice Leão

2025 de Laura Paro
Monte Verde Paulista / SP, 15 min,
classificação indicativa: livre

LAURA PARO



Atriz, diretora e roteirista, formada em Artes do Corpo pela PUC-SP. Como realizadora, sua pesquisa gira em torno de temas como finitude, memória e tempo. Com alguns curtas no currículo, seu último, Rosa dos Ventos (2025), é um curta-documentário que marca sua estreia em festivais e foi vencedor de Melhor Filme na mostra Panorama Latino do Festival Curta Cinema (RJ, 2026).



Plano comentado



A cineasta Laura Paro está imóvel diante de uma igreja, vestida de noiva. Ela não está adornada adequadamente, tampouco o cenário conta com decorações ou convidados para uma celebração. O vestido repousa sobre o corpo da personagem como um figurino postiço, uma máscara triste. Esta é uma imagem significativa de *Rosa dos Ventos*, um filme de retorno à cidade natal, de ressignificação da identidade e de despedida. Como muitas narrativas de regresso ao lar, o filme de Paro é uma investigação sobre as imagens do passado e como elas reverberam no presente, sobre quem a personagem deixou de ser ao se afastar do território de origem e sobre quem ela é em seu retorno.

Em *Rosa dos Ventos*, Laura Paro parte de um filme de ficção que nunca se completa para encontrar

a matéria frágil da memória. O filme se constrói entre imagens de arquivo, registros contemporâneos e encenações inacabadas, procurando algo sem saber exatamente o quê. A cidade, os parentes, as fotografias, as filmagens do pai e as brincadeiras de infância com o irmão parecem disputar o centro da narrativa. Quando a frase “Tenho medo de te esquecer” emerge das ruínas de uma casa, tudo se reorganiza. O filme revela que a dispersão é uma forma de luto: luto pela perda da mãe, luto pelo sentimento de pertencimento à cidade da infância, luto pela menina de Monte Verde que hoje dá lugar a uma estudante de cinema da capital. As mudanças de rumo, de vida, as transformações geracionais, sociais e comportamentais também são formas de luto. Luto pela imagem da noiva que talvez a personagem nunca venha a ser.



Testemunho

Murilo é uma testemunha. Por onde passa, coisas estranhas acontecem. Suas experiências de vida estremecem os mistérios entre o céu e a terra. Afinal, o cinema tudo permite.

2025 de Leonardo Amaral e Roberto Cotta
Cláudio/MG, 14 min, classificação
indicativa: 10 anos

FICHA TÉCNICA:

Direção e roteiro: Leonardo Amaral e Roberto Cotta

Com: Murilo Ribeiro

Participação: Camilo Lélis, Gabriel Martins, Leo Amaral, Roberto Cotta, entre outros.

Produção executiva: Julia Alves

Produção: Julia Alves, Leonardo Amaral, Rebeca Francoff e Roberto Cotta

Imagem: Gabriel Martins

Arte: Rimenna Procópio

Som: Maru Arturo

Montagem, colorização e desenho de som: Rebeca Francoff

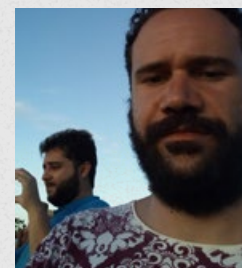
Desenho de som e mixagem: Dellani Lima

Material gráfico: Rebeca Francoff

Tradução e legendagem: Andrew Black

Empresas produtoras: Mar de Morros, Quarta-Feira Filmes e Rabo de Lua

LEONARDO AMARAL E ROBERTO COTTA



Leonardo Amaral é curador, roteirista, diretor e documentarista. Atuou na curadoria de festivais e mostras como Mostra de Cinema de Tiradentes, CineBH, Forumdoc, FestCurtas BH e Semana de Cinema, além de retrospectivas e programas no CCBB, Caixa Cultural e Sesc. Codirigiu e coescreveu os longas Estado de Sítio (2011), Semana Santa (2013) e Aliança (2014), e realizou diversos curtas exibidos no Brasil e no exterior. Doutor em Comunicação Social pela UFMG, é também crítico e ensaísta de cinema.

Roberto Cotta é professor, crítico de cinema, realizador de filmes e curador. Docente do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel desde 2018, coordena projetos como Cine UFPel e Zero4 Cineclub. Doutor em Artes pela UFMG, é membro da Abraccine e da Accirs, tendo participado da curadoria de festivais como Gramado, FestCurtas BH e Forumdoc. Integra a equipe da Mostra de Cinema Latino-Americano de Rio Grande e dirigiu filmes como Prenome Walter (2016), A Chinesa de Riad (2018), Coração Migrante (2020) e Testemunho (2025).



Plano comentado



O olhar do personagem constrói uma imagem fora de campo. Não vemos o que ele vê, mas vemos algo com ele, a partir do seu testemunho. Em *Testemunho*, Leonardo Amaral e Roberto Cotta constroem, a partir da vida de um trabalhador, a matéria de uma ficção cósmica. Murilo caminha por estradas, trabalha, cozinha, escuta rádio e relembra episódios de sua vida. Mas, ao seu redor, interferências sonoras, luzes misteriosas e relatos de aparições insinuam que existe algo que transcende o que nossos sentidos apreendem.

O dispositivo de realização cinematográfica também é personagem, ao revelar tanto o registro de uma realidade quanto a construção de seus artifícios. Entre fábricas, estradas e memórias de trabalho, emerge a figura de um homem atravessado por experiências extraordinárias. As luzes no céu e os ruídos de comunicação não anunciam visitantes de outro mundo, mas a persistência do mistério dentro deste. *Testemunho* manifesta que a transcendência não está em uma abstração mística, mas integra a própria matéria do cotidiano e se revela na imagem de seu testemunho.

Constelações



Nesta seção, elencamos cinco propostas de constelações de filmes e possibilidades de desdobramentos das exibições em debates e exercícios de filmagem. As constelações são: Constelação do Território, Constelação da Família, Constelação do Tempo, Constelação do Trabalho e Constelação da Memória.

Vamos a elas!

Constelação do território

Comumente, o cinema que não é realizado em estúdios, isto é, em espaços fechados com ambiente controlado, é bastante conectado ao território no qual é filmado. Nesta constelação, agrupamos filmes cujas imagens e narrativas estão profundamente ligadas aos seus territórios, nos quais as ruas, os prédios, as paisagens e os personagens do lugar integram as imagens e as histórias desses filmes de forma atávica. Em alguns casos, o território é mesmo o protagonista ou reflete profundamente os personagens. Diante desse desenho, deixamos algumas questões para debate:

- Em quais desses filmes o território é personagem e em quais é cenário? É possível ser os dois? Como identificamos, nas imagens e nas narrativas, esse elemento?
- Em alguns curtas-metragens desta constelação, o território é nomeado: sabemos exatamente onde a história se passa. Em outros, não, e, ainda assim, ele se mantém importante. Sabemos onde cada filme foi filmado sem informações prévias? Isso é ou não é importante para a narrativa?
- Como o território aparece nos filmes elencados? Ele é hostil, acolhedor, festivo, melancólico... Como identificamos essas características nas imagens?



Badlands: um parque fictício (2025), de Cristyelen Ambrozio
Caminho Sinuoso (2026), de Adalberto Oliveira
Grão (2026), de Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa
Memórias Despejadas (ou a enchente levou tudo e encontraram a luta) (2024), de Juliana Koetz
Pupá (2024), de Osani
Testemunho (2025), de Leonardo Amaral e Roberto Cotta



Exercício de filmagem

Vamos filmar nosso território? Antes de tentar criar uma narrativa prévia sobre o território que integramos, vamos exercitar filmá-lo para identificar que histórias surgem das imagens. Propomos que você faça cinco filmagens sem corte (planos), longas, de cerca de um minuto cada, seguindo as seguintes regras:

Plano 1: de longe, filmar uma paisagem ou um lugar sem pessoas.

Plano 2: de longe, filmar uma paisagem ou um lugar com pessoas.

Plano 3: de perto, filmar uma parte de uma paisagem ou de um lugar, sem pessoas.

Plano 4: de perto, filmar uma parte de uma paisagem ou de um lugar, com pessoas.

Plano 5: bem de perto, filmar um detalhe de uma paisagem, de um lugar ou de uma pessoa.

Depois, vocês podem assistir às filmagens em grupo e pensar que narrativas elas suscitam.

Constelação da família

Já não temos nem vontade de brigar (2025),
de Brunno Bimbati

Pretérito (2025), de Pedro Coelho Xavier

Rosa dos Ventos (2025), de Laura Paro

Pretérito

Rosa dos Ventos

Já não temos nem
vontade de brigar

A família é um tema bastante recorrente na história do cinema. Seja de forma idealizada, seja de forma crítica, esta instituição basilar da nossa sociedade foi e é representada na tela em diferentes momentos e gêneros cinematográficos. No documentário contemporâneo, sobretudo nos mais pessoais, em primeira pessoa, a família integra a narrativa muitas vezes como um dispositivo de investigação pessoal e/ou social, de afirmação ou questionamento das identidades e de constituição da memória. Diante desse desenho, propomos alguns debates:

- Os integrantes das famílias de cada filme estão juntos ou separados? Eles fazem parte da mesma imagem, dentro do enquadramento, ou aparecem em planos (imagens) diferentes? Eles estão no mesmo recinto, no mesmo tempo, ou estão em lugares e tempos diversos? O que isso nos conta sobre a família que está sendo filmada?
- Como cada família é localizada no tempo do cineasta? Ela está no passado ou no presente? Ou em ambos? Como percebemos essa informação pelas imagens mostradas?
- Que lugar na vida do cineasta a família retratada ocupa na narrativa? Ela é lugar de acolhimento, de tensão, de nostalgia, de memória...? Como identificamos essas relações nas imagens e nas histórias contadas?



Exercício de filmagem

Vamos filmar a nossa família? Pode ser a família com quem você vive hoje ou a memória de alguma família da qual você já tenha feito parte. Como e onde você quer filmar a sua família? Por meio de retratos e vídeos antigos? Todos juntos em uma confraternização? Em situações do cotidiano? Escolha um ponto de vista e uma situação, e faça algumas imagens de membros da sua família. Depois, assista e reflita sobre os sentimentos que os planos lhe despertam. Que narrativas podemos criar a partir deles?

Constelação do tempo

Há diversos filmes na história do cinema que complexificam as relações temporais entre passado, presente e futuro e um dos mais conhecidos é *O Ano Passado em Marienbad* (1961), de Alain Resnais¹. Os filmes propostos nesta constelação estabelecem diferentes conexões entre os tempos: ressignificação histórica, tempo mitológico, e sobreposições temporais. Diante deste desenho, propomos as seguintes questões para debate:

- Que relações entre passado e presente os filmes apresentam? As temporalidades seguem uma linearidade ou se sobrepõem? Quais as diferenças nas relações com o tempo entre cada filme?
- Como identificamos nas imagens e nas narrativas os diferentes tempos? O filme utiliza imagens de arquivo, flashbacks e/ou aponta no texto, falado ou em tela, as relações temporais?
- Como o passado ou o futuro ressignificam o presente em cada um dos filmes? Você conhece outros filmes que trabalham com relações temporais?

Caminho Sinuoso (2026), de Adalberto Oliveira
Diálogo Bulbul (2025), de Bruno Churuska,
Gledson Augusto, Nicole Mendes, Yan Altino e
Zimá Domingos

Maira Porongyta – o aviso do céu (2025), de
Kujãesage Kaiabi

Rosa dos Ventos (2025), de Laura Paro

¹ Neste filme, o diretor francês Alain Resnais usa uma montagem revolucionária, no qual cenas e diálogos se repetem sob diferentes perspectivas, quebrando a linearidade do tempo.



Exercício de filmagem

Como você expressaria em imagens uma relação entre passado e futuro? Vamos tentar relacionar duas imagens para estabelecer uma relação temporal? Primeiro vamos filmar uma situação, local ou pessoa no presente. Depois vamos filmar uma situação, local ou pessoa no passado ou no futuro e dispor uma imagem depois da outra. Como você imagina esta imagem do passado: uma fotografia antiga, um filtro de envelhecimento da imagem, uma alteração de objetos no cenário ou no figurino, uma informação verbal ou escrita em tela? E uma imagem do futuro, como seria?



Caminho Sinuoso (2026), de Adalberto Oliveira
Grão (2026), de Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa
Pupá (2024), de Osani
Testemunho (2025), de Leonardo Amaral e Roberto Cotta

Constelação do trabalho

Desde *A Saída dos Operários da Fábrica* (1895), dos Irmãos Lumière, exibido na primeira sessão pública de cinema da história, o trabalho é tema, personagem e categoria de reflexão cinematográfica. Nesta Constelação do Trabalho, propomos a exibição conjunta de filmes que abordam o lugar do trabalho na vida dos personagens e/ou na sociedade, assim como a figura do trabalhador em suas diferentes dimensões: em casa, em situações de lazer ou nos espaços laborais. Diante do desenho desta constelação, sugerimos os seguintes pontos de debate:

- Qual o papel do trabalho na vida de cada um dos personagens dos filmes exibidos? Ele ocupa a atividade principal ou secundária na narrativa? Como o trabalho identifica ou define o personagem ou o cenário?
- Os personagens aparecem em tela trabalhando ou o trabalho é apenas citado nas falas? Em que locais eles trabalham?
- De que forma o trabalho aparece atrelado ao território apresentado em cada filme? Como ele constitui os espaços dos personagens?



Exercício de filmagem

Vamos filmar um trabalhador no seu espaço de trabalho? Primeiro vamos escolher um trabalho que gostaríamos de filmar. Depois, vamos filmar cinco imagens (planos), longos (cerca de 30 segundos), seguindo as seguintes regras:

Um plano aberto (de longe) do trabalhador em seu ambiente de trabalho;

Um plano aberto (de longe) do ambiente de trabalho vazio;

Um plano detalhe (bem de perto) de alguma parte do corpo do trabalhador exercendo sua profissão (as mãos, de modo geral, são bem significativas);

Um plano médio (de perto) do trabalhador em um ambiente de lazer ou doméstico;

Um plano aberto (de longe) do trabalhador em um ambiente de lazer ou doméstico.

Constelação da memória

Diálogo Bulbul (2025), de Bruno Chruska, Gledson Augusto, Nicole Mendes, Yan Altino e Zimá Domingos

Homem (2025), de Fábio Zilberman Iuchno

Pretérito (2025), de Pedro Coelho Xavier

Rosa dos Ventos (2025), de Laura Paro

Rosa dos Ventos

Homem

Pretérito

Alguns filmes nos colocam diante da questão da memória. Como lembramos do que já passou? Wally Salomão disse que “a memória é uma ilha de edição”, o que a insere diretamente no campo cinematográfico. Lembrar não é restaurar o passado, mas um gesto de invenção no presente. Diante do desenho da constelação da memória, vamos conversar sobre as seguintes questões:

- Como cada filme “edita” a sua memória? Isto é, como relaciona imagens do passado e do presente de modo a ressignificá-lo?
- Quem “lembra” em cada um dos filmes? Os personagens? O cineasta? As próprias imagens? Em quais elementos a memória está aparente? Nos textos dos personagens, nas imagens de arquivo ou nos gestos de devolvê-las ao presente?
- Como as imagens de arquivo do passado aparecem em cada filme? Como fotografia, como som ou como filme?



Exercício de filmagem

Você já pensou em filmar uma memória? Vamos procurar objetos que carreguem alguma memória, podem ser fotografias, brinquedos de infância, uma peça de roupa... Como esses objetos podem ser filmados no presente? Alguém observa essas fotos? Uma criança brinca com um objeto antigo? Alguém veste uma roupa do passado? Vamos filmar esses objetos inseridos no presente e depois assistir às filmagens. Você acha que a memória deles agora ocupa outro lugar?

POADOC 2026

Thais Fernandes - coord. geral e curadoria

Juliana Costa - coord. pedagógica e curadoria

Natasha Ferla - prod. executiva e curadoria

Victor Pinheiro - coord. de produção e curadoria

Jonatas Rubert - coord. técnica e curadoria

Henrique Lahude - curadoria

Vítor Queiroz - colaboração

Priscila Severo - controller

Ana Luíza Souza - assist. de produção

Eduarda Silveira - editora gráfica

Isidoro B. Guggiana - assessor de imprensa

FICHA TÉCNICA

Texto: Juliana Costa

Diagramação: Eduarda Silveira

Produção: Ana Luíza Souza, Victor Pinheiro,
Thais Fernandes

Porto Alegre, agosto de 2026

APOIO



REALIZAÇÃO



POLÍTICA NACIONAL
ALDIR BLANC
DE FOMENTO À CULTURA

MINISTÉRIO DA
CULTURA

